

MASON CROSS

A NOVA ESTRELA DO THRILLER



«Um thriller arrepiante, de ritmo intenso,
envolvente e com personagens intrigantes.»

Library Journal

CAÇADOR

Para um assassino sem regras,
todos podem ser um alvo a abater.

TOP
SEL
LER

Para Alison M. Bell

Se conheces o inimigo e te conheces a ti próprio, não precisas de temer o resultado de cem batalhas.

SUN TZU

*Quiseram saber porque fiz aquilo que fiz.
Pois bem, creio que há apenas maldade neste mundo.*

BRUCE SPRINGSTEEN

PRIMEIRO DIA

PRÓLOGO

A primeira coisa que deverão saber a meu respeito é que não me chamo Carter Blake. Esse nome não me pertencia mais do que o quarto de hotel onde estava alojado quando chegou o telefonema.

Era agradável sem ser demasiado extravagante. Estou a falar do quarto. Era um quarto de luxo com vista para a cidade no canto noroeste do 7.º andar de um hotel citadino de preço médio. Gostava do quarto. Servira-me bem nos 18 dias que aqui passei. A cidade em si, também era agradável: nem demasiado grande, nem demasiado pequena. Um ambiente confortável para trabalhar.

Do mesmo modo, acabei por me sentir à vontade com o nome Blake que tenho usado nos últimos anos. Para mim, os nomes são como os quartos de hotel: escolhe-se um que sirva os nossos propósitos, habitamo-lo pelo tempo possível e passamos adiante quando chega o momento de o fazer.

Embora não fossem ainda 5 horas, estava completamente acordado e tinha já desistido de voltar a adormecer uma ou duas horas antes, quando o meu telemóvel vibrou. Há noites assim. Carreguei na tecla para receber a chamada e levei o telefone ao ouvido, mas sem dizer nada.

— Blake? Estás aí? — A voz do outro lado da linha parecia cansada, de alguém mal-humorado. Também me era familiar.

— Que se passa?

— Queres dizer agora? Sabe-se lá. O que importa é o que aconteceu há duas horas.

Inclinei-me para diante na cadeira de madeira para poder espreitar pela janela no sítio em que as duas cortinas não se uniam. As luzes da cidade cintilavam. Sabia que esperavam que eu morresse o isco, por isso não o fiz. Pelo menos diretamente.

— Sabes que tenho estado ocupado.

— Sim, pois sei.

— Estava ansioso por descansar.

— Tens sorte. Porque uma mudança é tão boa como um descanso, não achas?

Fiz uma pausa e refleti.

— Onde? — perguntei.

— Inicialmente? No Illinois. Em Chicago.

Olhei para o meu relógio. Os ponteiros luminosos no mostrador brilhavam suavemente na penumbra anterior ao nascer do sol. Tinha um carro na garagem subterrânea. Àquela hora conseguiria chegar a Chicago em três horas. Talvez duas horas e meia.

Precisava de fazer uma última pergunta.

— Preto, branco ou grisalho?

Houve uma pausa e senti o sorriso do dono da voz no outro extremo da linha.

— Do branco mais puro. Vais gostar.

Suspirei e encostei-me de novo na cadeira.

— Muito bem — cedi. — Diz-me o que aconteceu há duas horas.

1

DUAS HORAS ANTES — 2h37

A lua cheia pairava gigantesca sobre os extensos campos que pareciam ondular como um calmo oceano. Final de outubro, hemisfério norte. Lua de caçadores.

Wardell soltou um suspiro filosófico ao lembrar-se da ideia, enquanto observava a noite através da sua insignificante janelinha. Lá fora, na escuridão, a lua ardia com um brilho capaz de ofuscar quem olhasse diretamente para ela, iluminando o mundo o suficiente para se ver a quilómetros de distância. Por isso, era uma pena que apenas houvesse campos para ver. Quilómetros e quilómetros de um ordeiro nada, até à linha do horizonte. Porém, continuou a olhar. A refletir nos seus pensamentos e a deixar balançar o corpo ao ritmo do veículo que seguia pela autoestrada deserta.

Apesar da falta de variedade, ou talvez devido a ela, Wardell gostava da vista. Era... serena. Serena era definitivamente a palavra adequada. Os campos iluminados pelo luar lembravam-lhe um verso da canção *America* de Simon & Garfunkel. Não era grande apreciador de música *pop*, mas *America* era uma das suas melodias favoritas. Era a história de dois amantes que partiam numa viagem de descoberta, começando com um otimismo juvenil e terminando no vazio e na desilusão. Wardell gostava do sentimento.

Aquela canção de Simon & Garfunkel era o mais próximo da música popular contemporânea a que os gostos de Wardell se permitiam, outro pormenor que o diferenciava dos Cro-Magnons da sua antiga unidade. A maioria dos outros homens mostrara uma deprimente uniformidade nos seus gostos musicais: *mainstream hard rock* e *rap*. Nickelback e Kid Rock. Lixo ruidoso e anódino. Tinha a certeza de que troçavam dele nas suas costas por causa da música que ouvia, do café caro que bebia, dos livros que lia. Mas não na sua

cara. Ninguém dizia o que quer que fosse na cara de Wardell e, se o dizia, cometia esse erro uma única vez.

Sorriu perante a agradável recordação e baixou os olhos para as mãos, fletindo-as para evitar uma cãibra incipiente. Depois ergueu a mão direita para coçar a barba cerrada e claro que teve também de erguer a esquerda.

Clarence, o homem magro e de ar doentio a seu lado, dormia. Ou fingia que dormia; Wardell não se importava desde que tivesse paz e sossego. Clarence tentara fazer conversa de circunstância quando se sentara no carro e mantivera-a durante mais tempo do que a maioria das pessoas seria capaz quando o interlocutor ignorava as tentativas. Por fim, Wardell silenciara-o com um olhar. O olhar funcionava sempre, pois transmitia a mensagem de que aquela seria positivamente a última oportunidade que o destinatário tinha de evitar um grave confronto físico. O truque estava em fazê-lo com toda a convicção.

Clarence estivera prestes a experimentá-lo ao pedir desculpas por ser tão falador, mas recebera a mensagem; estava agora calado, que era o principal. Isso e o ter tido suficiente sensatez para não adormecer no ombro de Wardell. Preferira pois inclinar-se sobre as suas próprias mãos, numa posição que não poderia ser confortável.

Era invulgar, embora não fosse completamente insólito, Wardell ter um companheiro de viagem. Era também mais invulgar ainda fazer uma viagem sem um comboio que o acompanhasse. Já fora transportado quase com a mesma simplicidade, geralmente em ocasiões em que não queriam chamar a atenção para os seus movimentos; mas não conseguia recordar-se de uma ocasião exatamente como esta. Um veículo, sem escolta de carros ou batedores. Talvez pensassem que ele já não merecia essas atenções. Talvez a sua comitiva tivesse sido vítima de cortes no orçamento; afinal era um ano de eleições intercalares. Ou talvez fosse apenas a prova de que a sua fama recuara o suficiente para que quem estava no poder não precisasse de se preocupar tanto.

Wardell voltou os olhos para a janela e a canção continuou a soar-lhe na cabeça. Cantarolou o refrão em surdina.

I've gone to look for America.

América. Não vira grande coisa do país, ou pelo menos não o suficiente. Podendo dar-se ao luxo de pensar nas coisas, apercebeu-se de que se limitara demasiado. Limitara-se a um campo de caça, a uma cidade. Só agora, que a oportunidade tinha passado, ele percebia o que deveria ter feito. Deveria ter embarcado numa demanda. Cidade a cidade, estado a estado, de leste a oeste. Avançando sempre, como o fogo numa floresta, marcando a ferro o seu nome na pele do país. Em crescendo, até acabar em grande. Algo que lhe fora negado. Fechou os olhos e pronunciou baixinho o nome.

Juba.

Fletiu de novo as mãos, ajustando a posição das algemas para que não lhe friccionassem demasiado os pulsos, depois descansou-as nas coxas. Tinha os músculos firmes e tonificados. Sólidos, como todo ele.

A maioria dos homens na atual posição de Wardell deixar-se-ia ir. Ganhavam peso, tornavam-se moles e flácidos, fumavam todos os cigarros que conseguiam apanhar, dormiam 16 horas por dia. Faziam-no porque tinham sido vergados; e haviam decidido que já não valia a pena.

Mas Wardell não. Mantivera-se em forma desde os seus tempos do Corps e nos últimos cinco anos intensificara o treino. Começava o dia fazendo abdominais e flexões — vinte séries de vinte vezes cada e depois cem flexões apoiado numa só mão e, depois, cem na outra. O seu horário, quase livre, permitia-lhe tempo para uma sessão semelhante à tarde e ainda outra antes das luzes se apagarem. Caminhava 15 quilómetros em volta de um círculo de cinco metros. A vantagem de um caminho tão previsível era o facto de poder ler ao mesmo tempo, mantendo em forma não só o corpo mas também o espírito. Porque ele sabia aquilo que os outros homens não sabiam.

Wardell não se deixava abater porque sabia que o objetivo era não se deixar abater. Não o tinham quebrado nos cinco anos que levava preso e não o vergariam nas duas semanas que lhe sobravam. Nessa noite era a primeira vez em muito tempo que faltava ao seu treino vespertino e o seu corpo sentia a falta da rotina tal como um toxicodependente sente falta da sua dose.

Talvez fosse demasiado tarde para fazer as coisas certas, para voltar atrás e executar o trabalho numa escala mais grandiosa, mas isso não significava que teria de aceitar mansamente o seu destino. A dezena de testemunhas que queria presenciar a sua morte encontraria um homem disposto a ir ter com o seu Criador com bom aspeto. Perguntava-se quem estaria presente. O governador, provavelmente, e talvez Stewart, o homem que o prendera. Hatcher, aquele empertigado, apareceria certamente. E Wardell erguer-se-ia e utilizaria a totalidade do tempo que lhe era conferido, e olharia os mirones bem nos olhos para lhes dizer que voltaria a vê-los no inferno. E tinha a certeza de que eles acreditariam.

O truque era dizê-lo sem mostrar a mínima dúvida.

Caleb Wardell poderia ter desaparecido do radar nacional, mas assegurar-se-ia de que as últimas pessoas que visse se recordariam dele.

O seu corpo avançou um pouco com a redução da velocidade, afastando-o dos pensamentos. Olhou em frente por instinto. Um reflexo inútil. Não estava instalado num autocarro turístico; não podia esticar o pescoço para o centro do corredor, para conseguir uma vista desobstruída da cabina do motorista e da estrada que tinha diante de si. Então, aproximou-se mais da janela e encostou a cabeça, fechando o olho esquerdo para tentar ver em frente com o direito.

Trezentos metros mais adiante conseguia distinguir, na estrada, um par de faróis imóveis. Mesmo com o luar, o ângulo tornava impossível discernir o tipo de veículo a que pertenciam. Uma figura recortava-se na aura vermelha acenando-lhes para que parassem. Aparentemente tratava-se de uma avaria. Wardell continuou a olhar. Tentou ver mais adiante na estrada. A pesada carrinha de transporte de presos que o acomodava, balançando um pouco para o centro da estrada, afastou-se do veículo estacionado, como se obedecesse à vontade de Wardell. O carro estacionado. Porque era, sem sombra de dúvidas, um carro. Um utilitário, vermelho-vivo, refletindo os faróis do transporte. Mais adiante, na estrada, uma forma negra bloqueava uma parte do céu. Uma quinta? Um celeiro?

Estavam no meio do nada e no meio da noite. Não avistavam casas ou estradas secundárias há quilómetros. Não passavam por outro

veículo há meia hora. Agora havia uma interrupção e um edifício ao mesmo tempo.

O transporte retomou a velocidade. O condutor não estivera no mesmo sítio que Wardell, mas talvez não fosse um perfeito idiota. Passaram o carro vermelho e o homem que acenava, dando-lhes a ambos espaço de manobra. O homem deixara de fazer sinais ainda antes de lá terem chegado. Ignorou o motorista e olhou para a pequena janela que passava. Wardell olhou-o nos olhos por um breve segundo. Não parecia desapontado, nem sequer zangado por não terem parado para o ajudar. Parecia muito calmo e concentrado.

Continuavam a aumentar a velocidade, e já se via o celeiro. Porque era um celeiro, uma estrutura antiga. Uma construção sólida, de dez metros de altura, com um telhado de empenas.

Wardell adquirira um hábito quase subconsciente de observar todos os ambientes em que se encontrava com olho profissional, decidindo quais os melhores pontos de observação, nos aspetos ofensivo e defensivo. O celeiro era um bom local em ambos os aspetos. O melhor que vira na estrada, sem sombra de dúvida.

Estavam agora a 50 metros do celeiro e Wardell apercebeu-se que fora construído junto à estrada. Talvez a quinta a que pertenceira tivesse sido destruída para dar lugar àquela estrada importante.

Algo estava prestes a acontecer. Tinha a certeza.

Experimentou olhar para o telhado, a posição que teria escolhido, junto ao catavento. Havia algo de errado na linha do telhado. Quase como se...

Algo grande, sólido e implacável, bateu no lado esquerdo do veículo, a direção oposta ao celeiro. A carrinha foi atirada para fora da estrada e, logo a seguir, o mundo virou-se de lado e depois de cabeça para baixo. Por momentos, Wardell sentiu-se flutuar na gravidade zero. Depois a gravidade reafirmou-se com um golpe brusco e a carrinha imobilizou-se, voltada de lado.

Sons, cheiros, ruídos, dores, tudo se juntou no confuso tumulto de uma sensação de ruído branco. Wardell ouviu gritos, tiros de múltiplas armas, depois alguém a gemer. Os cheiros de gasolina e metal cortado, misturados com fumo. Wardell sentia o sabor do seu próprio sangue. Abanava a cabeça, tentando pôr tudo na sua

ordem correta. Depois mãos enormes agarraram-no pelos ombros e arrastaram-no, do lugar onde estava estendido, para o luar.

O ar livre ajudou, limpou-lhe a garganta e os olhos e permitiu-lhe começar a ter consciência das coisas. Sentiu o cano de uma arma encostado à base do crânio enquanto se afastava aos tropeções da carrinha acidentada. Olhou para o lado, viu os corpos ensanguentados dos dois *marshals* à frente e uma escavadora amarela enfiada nos destroços da carrinha. Depois levou uma palmada na cabeça.

— Mexe-te!

Wardell percebeu a mensagem e olhou em frente. O homem falara com um sotaque da Europa de Leste — evidente apenas na palavra pronunciada. Talvez russo. Era estranho. Wardell não se lembrava de alguma vez ter matado russos. Foi afastado 20 passos da estrada e depois alguém lhe deu um pontapé nas pernas para o desequilibrar. Conseguiu erguer as mãos algemadas a tempo de se proteger na queda. Clarence não teve tanta sorte e chegou um segundo depois, enfiando a cara na terra. Gemeu e voltou-se para o lado com o nariz a espirrar sangue. Nada disse que mostrasse que era mais esperto do que Wardell sempre o considerara. Limitara-se a erguer os olhos para os três homens armados. Dois deles apoderaram-se dos braços de Clarence e arrastaram-no do sítio em que Wardell estava ajoelhado.

Wardell reconheceu o homem da esquerda como sendo o do cenário da falsa avaria. O que arrastava o braço direito de Clarence usava um casaco de cabedal castanho por cima de uma camisola preta, de gola alta. Era um pouco mais baixo do que os outros dois e parecia ser o patrão, apesar da evidente disponibilidade para ajudar no trabalho manual. O que ficara com Wardell tinha a constituição de um urso, e quase a mesma quantidade de pelo. Vestia uma t-shirt vermelha, apertada, desafiando a temperatura, e tinha nos braços uma *Remington 870*, a espingarda que nunca nos falha.

— Que prazer ver-te outra vez, Clarence — disse o Gola-Alta no seu inglês com sotaque, ignorando completamente Wardell.

Este olhou para Clarence surpreendido e subitamente indignado. Aquilo era por causa *dele*?

Clarence olhava para o Gola-Alta com as mãos convenientemente juntas numa súplica pelas algemas. Soltou várias respirações entrecortadas, como se tentasse arranjar coragem para falar.

— Não me matem — pediu. O nariz partido fez com que o som saísse como *Dão be batem*.

O Gola-Alta soltou uma exclamação de desdém, fingindo-se divertido.

— Por enquanto não. — Não havia dúvida de que era russo.

Sem qualquer aviso, o que mais parecia um urso, avançou e desferiu um pontapé em cheio na barriga de Wardell. Este mal teve tempo de enrijecer os músculos do estômago para evitar danos graves, mas dobrou-se para a frente e tossiu várias vezes para disfarçar. Queria baixar-lhes a guarda.

— Então e este? — perguntou o urso ao Gola-Alta. Com sotaque semelhante, mas mais cerrado.

— Não é da nossa conta. Trata dele.

Wardell continuava dobrado e viu que o urso se aproximava de novo, enquanto os outros dois voltavam a dar atenção a Clarence. Ia dar-lhe outro pontapé, pô-lo de costas para lhe dar um tiro limpo no baricentro. Nem pensar.

Wardell apanhou o pé que se erguia com as mãos algemadas, apoiou os seus pés no chão duro e empurrou para cima. O homem enorme gemeu e caiu para trás. Wardell seguiu-o e atirou-se a ele, exercendo a força dos seus cem quilos sobre o cotovelo, para lho enfiar na laringe. O estalo visceralmente satisfatório deu-lhe a saber que o tinha despachado. Pôs-se de pé, com a carabina nas mãos algemadas, enquanto os outros russos começavam a reagir. Apertou o gatilho e o Gola Alta desapareceu num nevoeiro vermelho. Wardell manobrou a corredeja da arma, as algemas rasgando-lhe a pele dos antebraços, e carregou, aos gritos. A carga foi ao mesmo tempo instintiva e prática: transformava-o num alvo em movimento e enervava o adversário.

Afinal a coragem do último russo era sólida, mas a sua pontaria terrível. Disparou um único tiro que passou longe de Wardell. Este alinhou a carabina, inclinando o corpo para o lado devido aos limites das algemas e fez voar quatro quintos da cabeça do russo.

O corpo truncado caiu para a frente como uma árvore derrubada. O último tiro pareceu ecoar durante mais tempo que o primeiro, e depois o silêncio desceu de novo e a lua do caçador sorriu lá de cima, impassível.

Wardell começou a meter outra bala na câmara e estremeceu quando as algemas esfregaram o arranhão do pulso esquerdo. Voltou a cabeça para olhar para a carrinha acidentada, perguntando a si próprio se as chaves estariam com um dos *marshals* mortos ou se teria de ser criativo.

— Ob-obrigada — uma voz fraca, em choque, grasnou atrás dele.

Wardell voltou subitamente a cabeça. Esquecera-se completamente de Clarence. Era fácil. O homem magro estava ainda de joelhos, rastejando para diante, com os olhos vítreos num misto de trepidação e esperança. Esses olhos fizeram Wardell recordar-se de um coelho de estimação que, quando era rapaz, matara metodicamente à fome.

— Esses fulanos teriam...

— Evidentemente — disse Wardell, interrompendo-o. Não estava particularmente interessado em quem, o quê ou porquê.

Algo na sua voz fez com que o outro homem se encolhesse, com os olhos muito abertos.

— Não vais dar-me um tiro, pois não? — perguntou Clarence com um sorriso nervoso, estampado na face, daqueles que significavam «estamos os dois metidos nisto, meu irmão».

Wardell olhou para a carabina e para o seu pulso ensanguentado e depois, de novo, para Clarence. Sorriu e abanou lentamente a cabeça. Depois voltou a carabina nas mãos e bateu com a coronha no rosto de Clarence.

Este caiu sem um grito e Wardell ajustou mais uma vez a mão na arma, transformando-a num bastão. Levou-a até ao meio da cara de Clarence e sentiu ossos e cartilagens a cederem. Bateu três vezes no mesmo lugar e sentiu desfazer-se completamente a estrutura facial ao terceiro golpe. Depois perdeu a conta e deixou de pensar. Continuou a bater, até que o que fora a cabeça de Clarence se transformasse em papa, matéria e fragmentos.

Deteve-se apenas quando ficou com os braços cansados, deixando que a adrenalina recuasse como uma maré vazante. À medida que o seu pulso voltava ao normal, Wardell olhava para si desagrado. Estava um nojo: coberto de terra, suor e sangue. Muito sangue. Algum era seu, outro de Clarence. Teve vontade de vomitar. Odiava estar sujo. Odiava a porcaria.

Cinco minutos depois, localizou as chaves das algemas num dos guardas mortos e despiu o fato cor de laranja da prisão. Usou-o para limpar os braços e o rosto o melhor possível e deitou-o fora, avaliando as suas possibilidades de vestuário. A porcaria tinha inconvenientes práticos e estéticos: as roupas que pertenciam aos dois últimos russos e a Clarence estavam completamente inutilizadas. Restava o homenzarrão.

Encolheu os ombros, despiu o russo e vestiu as calças dele e a t-shirt. Parecia-lhe que envergava uma tenda de circo. Regressou ao local do acidente e observou as várias armas. Os guardas mortos tinham ambas pistolas semiautomáticas *Smith & Wesson*. A do motorista ainda estava no coldre.

Acocorou-se e olhou para dentro da cabina esmagada, para um local entre os assentos da frente. O que lá viu, fê-lo perguntar a si próprio se um longo tempo de encarceramento poderia alterar completamente a percepção do tempo, pois pareceu-lhe estar, sem sombra de dúvida, no dia 25 de dezembro.

Ali estava uma espingarda *Heckler & Koch PSG1* com mira telescópica, ao alcance do motorista e do passageiro. Calculou que serviria para apanhar fugitivos como ele. Serviria para muitas coisas.

Era uma coisa muito bela, poderosa e precisa como tudo o que usara no deserto. *Mais* precisa até, pois estava especificamente designada para fazer cumprir a lei e não requeria compromissos de peso e durabilidade necessários para o uso militar.

Wardell fingiu sopesar o aspeto prático e logístico antes de ceder ao seu desejo de pegar na espingarda. Abrandá-lo-ia um pouco mais do que se pegasse numa das *Smiths*, mas não muito. Que raio, fora treinado para aquilo. Era o que tinha de ser.

Foi então que Wardell se recordou do telhado do celeiro. Olhou de novo para lá, viu apenas uma negra linha reta de encontro ao

céu azul da noite. Não havia ninguém no telhado, provavelmente nunca houvera.

Cerca de 400 metros a sul havia uma fila de árvores. Wardell meteu a espingarda debaixo do braço, lançou um último olhar ao telhado do celeiro e depois partiu.

Partiu para procurar a América.

2

5h06

Nove minutos depois de o telefonema ter começado e sete depois de ter terminado, já eu tomara um duche e fizera a barba e abria agora a porta do armário.

Escolhi um casaco antracite, camisa branco-sujo e sapatos italianos. Nada espampanante, embora o conjunto completo custasse praticamente o equivalente a um pequeno carro familiar. Tinha três fatos idênticos no armário. Fechei a porta, deixando-os lá dentro; viria buscá-los mais tarde.

Vesti-me rapidamente e coloquei o coldre no ombro. Abri a gaveta da mesa de cabeceira e retirei de lá uma *Beretta 92Fs* e o respetivo carregador. Verifiquei a carga de 17 balas *Parabellum* de 9 mm, coloquei o carregador, avancei a culatra e pus a arma em segurança. Depois coloquei a pistola no coldre. Vesti o casaco por cima e atravessei o quarto de hotel até uma pequena escrivaninha, sobre a qual se encontravam os outros três objetos de que necessitava. O primeiro era uma carteira contendo cerca de mil dólares em dinheiro, uma carta de condução em nome de Carter Blake e um cartão *Amex Platinum*. O segundo objeto era um portátil *Dell Latitude* numa pasta de couro. Por fim havia um conjunto de chaves para o carro que se encontrava na garagem da cave.

Peguei no telemóvel e a minha mão ficou imóvel. O telefone tinha um protetor de ecrã que selecionava imagens ao acaso da memória a cada 15 minutos. A seleção recaíra numa imagem que havia muito eu não via: uma mulher de 20 e tal anos com cabelo louro rosado e longas pestanas, que sorria para a câmara e protegia os olhos do sol. No fundo, distinguia-se a curva de uma roda gigante. Astroland. Coney Island. Já não existe. Era a única fotografia de Carol que guardava.

Toquei no ecrã para a imagem desaparecer e meti o telefone no bolso.

Menos de 15 minutos depois de o meu telemóvel ter tocado, estava atrás do volante do carro, a caminho de Chicago.

3

7h40

O edifício do FBI situava-se no 2111 da West Roosevelt Road. Era uma enorme placa de vidro e betão de dez andares e mais largo do que alto. Erguia-se por detrás de um gradeamento de aço à altura da minha cintura, num relvado perfeito que se estendia até ao passeio. O céu começara a aclarar mas, de momento, os candeeiros da rua e as luzes que iluminavam o exterior do edifício continuavam acesas.

Cruzei a entrada principal e parei numa barreira. Um segurança de uniforme aproximou-se quando abri a janela. Disse-lhe que me chamava Blake e que vinha encontrar-me com o agente especial encarregado e o homem acenou com a cabeça como se já me esperasse. Tocou na pala do boné e fez sinal para que eu passasse quando a barreira subiu.

Na receção, troquei a arma por um cartão laminado de visitante, passei por um detetor de metais e fui escoltado ao 10.º andar por um agente sisudo que respondia aos meus gracejos soltando de vez em quando um grunhido. Conduziu-me a um gabinete enorme com uma vista ótima sobre a cidade ao nascer do sol. Havia uma grande secretária em frente à janela. Atrás da secretária sentava-se um homem.

Era mais novo do que eu esperava, talvez ainda não tivesse 50 anos. Usava um fato *Brook Brothers* topo de gama, camisa, gravata escura, óculos sem aros. O seu cabelo negro azeviche estava enfaticamente puxado para trás, sem qualquer tentativa para esconder as entradas.

Não fez qualquer esforço para se levantar e não me estendeu a mão. Sobre a mesa havia um volumoso dossiê.

Fiquei à porta por uns momentos. O agente sisudo que ali me levava afastou-se para o corredor, fechando cuidadosamente a porta atrás de si.

— Donaldson — disse eu, à laia de cumprimento.

— Exato. Blake, não é verdade? Chegou cá mais depressa do que eu esperava.

— Não havia trânsito.

— É a primeira vez que está em Chicago?

— A primeira vez desde há muito tempo.

Donaldson inclinou-se na sua cadeira e poisou as mãos na secretária, como que para assinalar que tínhamos negociado com sucesso a conversa de circunstância, relativa à reunião. Percebi a sugestão velada.

— Precisa então de encontrar alguém.

Ele fez uma pausa, como se tivesse alguma relutância em avançar mais.

— Estas informações não podem sair deste gabinete.

— Não há problema. Não uso o *Twitter*.

Ele não sorriu.

— Sabe quem é Caleb Wardell?

O nome não me era estranho, embora não tivesse seguido o caso original de muito perto. Quando se atinge um determinado nível de notoriedade, o nome penetra na consciência das massas.

— Claro — admiti. — O *sniper*. Mas está na cadeia, não é verdade?

Donaldson nada disse.

— Percebo.

— Fugiu de uma carrinha de transporte de presos esta manhã. Parece que houve uma espécie de emboscada, possivelmente relacionada com a máfia. Wardell foi apanhado nela e conseguiu escapar.

— E o senhor quer a situação retificada antes que alguém descubra.

— Isso mesmo.

— Posso fazer uma pergunta?

— Claro.

— Quem me recomendou?

Os lábios de Donaldson abriram-se ligeiramente em cada canto da boca. Tomei-o por uma tentativa de sorriso.

— Digamos apenas que foi o tipo de recomendação que seria insensato recusar.

— Mas de que o senhor não tem de gostar.

Donaldson suspirou e pôs-se de pé, pousando as palmas das mãos sobre a mesa.

— Olhe. Não me interprete mal. Tenho de me servir de toda a ajuda possível. Estamos a reunir uma força de intervenção e alguém sugeriu que os seus talentos especializados poderiam ajudar, quer a minha gente goste quer não. E há toda a probabilidade de não gostarem.

— Tudo bem. Tenho uma extensa experiência em não ser apreciado.

— Folgo em ouvi-lo. Vou reunir os elementos principais da força de intervenção dentro de uma hora. Julga poder ajudar-nos?

Acenei lentamente com a cabeça.

— Está ao corrente das minhas condições?

— Creio que o pagamento já foi discutido com o seu... agente.

— Sim. Mas há três condições para que aceite a tarefa — disse eu.

— Sou todo ouvidos.

— Número um: paga-me metade adiantado, a outra metade quando apanhar o homem. Número dois: trabalho sozinho. Não venho para o escritório das nove às cinco. Não me reunirei com a equipa para comemarmos quando prendermos o tipo. Se me contratarem, contratam um recurso adicional; e é tudo.

— E a número três?

— A número três é que se me pagam para apanhar o tipo que querem, pagam-me para que o faça à minha maneira. E a minha maneira será a que der melhor resultado. Por vezes é completamente legal, outras vezes não. O que preciso da sua parte é uma garantia de que todos os passos razoáveis que tenha de dar no decorrer do meu trabalho que sejam uma violação técnica da lei, não resultem em que depois venham atrás de mim.

Donaldson abriu a boca para me interromper, mas ergui a mão.

— Deixo-o decidir o que é razoável. Não lhe estou a pedir um cheque em branco.

Ele franziu a testa e desviou os olhos da minha pessoa para olhar para a janela. Avancei cinco passos e sentei-me em frente da secretária.

— Tem uma bela vista — disse eu, para preencher o silêncio.

— É uma cidade fantástica, Sr. Blake.

— O lar espiritual do FBI, não é verdade? Foi aqui que o Hoover começou.

Donaldson voltou-se para mim.

— Sabe história. O Sr. Hoover construiu-nos do nada.

— E o Sr. Dillinger também o ajudou um pouco, claro.

Tinha no rosto uma expressão totalmente impassível. Não consegui perceber se estava divertido ou ofendido. Estendi a minha mão direita por cima da secretária. Ele olhou-a como se fosse um técnico de desativação de bombas a trabalhar num dispositivo desconhecido.

— Eu decido o que é razoável?

— Foi o que eu disse.

Donaldson observou-me por um momento. Depois estendeu também a mão e apertou a minha.

4

9h05

Apesar de todos os seus esforços, a agente especial Elaine Banner estava atrasada.

O telefonema chegara depois das 8 horas, convocando-a para uma reunião de emergência com o SAC¹ às nove em ponto. Isso significava que fora obrigada a sair dez minutos depois de a primeira reunião de pais a que conseguira assistir nesse ano ter começado. Outra obrigação por cumprir, mais uma decepção para Annie. Julgava que isto não seria tão grave na escala como aquela vez em que tivera de voar até Indianápolis no aniversário de Annie, mas sabia que as pequenas decepções se iam acumulando. A culpa era uma presença constante e irritante. Banner pensara que seria mais fácil depois de Mark ter saído de casa, mas a ilusão não durara muito.

Havia uma leve compensação para o seu horrível trabalho — o equilíbrio da vida: a sua partida repentina não atraía as habituais e desagradadas inclinações de cabeça e os sorrisos por parte das outras mães. Todas conheciam o seu emprego e ela sabia que todas tinham lido o artigo que aparecera no *Times* no ano anterior, depois do caso Marcow. Assim que se esgueirou pela porta, sentiu que a sua partida enviava um arrepio de emoção através da sala de aula: a mãe de Annie, agente do FBI, saía abruptamente, a seguir a um telefonema urgente.

Depois, tudo o que ficava entre a escola de Annie e a sede do FBI em Chicago era uma cidade de três milhões de habitantes durante a hora de ponta. Bem vistas as coisas, pensou Banner ao entrar

¹ Special Agent in Charge: agente do governo com autoridade numa investigação. [N. da T.]

pelas portas de vidro fosco da sala de reuniões, cinco minutos de atraso era até muito respeitável.

A sala era luminosa, espaçosa e parcamente mobilada. Apenas uma mesa comprida, cadeiras e uma máquina de café no canto oposto. Já havia quatro homens na sala: dois separados, com as costas viradas para a porta, dois mais juntos, do outro lado da mesa. Reconheceu este último par como sendo o Agente Especial Encarregado Dave Edwards e o próprio SAC: Walter F. Donaldson. Não podiam ser mais diferentes. Edwards tinha 60 anos, era forte, vestia um fato barato e transpirava, apesar da estação do ano. Donaldson, embora tivesse uma posição superior, era mais novo e vestia-se com classe e cuidado.

Os dois homens sentados do seu lado da mesa voltaram-se quando ela entrou. Não reconheceu o que estava mais longe da porta, mas o outro era Steve Castle. Maldição. Castle tinha 50 e muitos anos mas, apesar dos fios grisalhos nos cabelos, passava bem por ser 10 anos mais novo. A expressão no seu rosto dizia-lhe que, para ele, chegar com cinco minutos de atraso não era de modo algum respeitável.

— Perdão pelo atraso — disse Banner, sentando-se no lugar mais próximo da porta.

Edwards e Donaldson murmuraram algumas palavras de cortesia; Castle olhou-a com um silêncio de pedra. O quarto homem sorriu por instantes, mas com afeto. Parecia... indescritível era a palavra, supunha. Altura média, constituição média, cabelo escuro, bem barbeado. Bem-parecido, pensou, mas nada de especial. O tipo de homem que era difícil de descrever de forma distintiva, caso fosse necessário. Tinha um bom fato, mas não usava gravata, por isso percebeu que não pertencia ao FBI.

Banner apercebeu-se de tudo isto à primeira vista, depois voltou-se. Reparou que a mesa estava completamente vazia, excetuando um monte bem arranjado de fotografias voltadas para baixo, diante de Edwards.

— Agora que estamos todos, vou direito ao assunto — disse Donaldson, com um leve sotaque de South Boston. — Temos aqui uma situação.

Banner olhou em frente e acenou com a cabeça. Claro que se tratava de uma situação. Só gostaria de saber que tipo de situação. Talvez o presidente tivesse mudado de ideias acerca de visitar a cidade antes das eleições intercalares.

Donaldson voltou a cabeça para Edwards, qual pivô de um telejornal que entregasse a um colega mais novo o trabalho de pesquisa.

Edwards olhou para Banner e depois para Castle como se quisesse garantir que ambos tomavam atenção.

— Esta madrugada, cerca das 3 horas, uma carrinha de transporte com dois presos da USP Marion em direção ao complexo correcional de Terre Haute, sofreu uma emboscada na autoestrada, cerca de 15 quilómetros depois de ter saído. — Edwards deteve-se para respirar fundo, como se a frase tivesse sido extenuante. — Temos uma equipa mista no sítio para auxiliar os agentes locais. Parece que iam apenas dois *marshals* no veículo e ambos foram mortos. Não havia escolta. Ainda estamos a tentar saber porquê, dado o estatuto dos passageiros.

— Quem transportavam? — perguntou Castle.

Edwards pareceu um pouco aborrecido com a interrupção. Pouco sincero, pensou Banner, dada a pausa. Edwards recostou-se na cadeira, que rangeu.

— Acreditamos que o alvo do ataque foi este homem. — Levantou uma fotografia brilhante, a cores, vinte por vinte e cinco, de um homem magricela, quase careca, de cerca de 40 anos, com um leve sorriso nos cantos da boca. A placa que segurava ao nível do peito dizia em maiúsculas que se chamava MITCHELL, C. J.

— Clarence James Mitchell. A fotografia foi tirada há quatro meses. Estava a aguardar julgamento por acusações que incluíam extorsão, assalto agravado e violação.

Banner observou a fotografia. O envolvimento do FBI já fazia sentido, devido à acusação de extorsão, bem como o interesse de Edwards: ela sabia que no passado ele estivera na secção de Crime Organizado. Mas porque estariam ela e Castle ali? Nenhum deles trabalhava nessa área. Olhou de soslaio para Castle e apercebeu-se de que também ele não sabia o que se passava.

— O Mitchell seria testemunha pelo estado contra um tal Vitali Korakovski — continuou Edwards. — Um dos nossos valiosos alvos na máfia russa. Já confirmámos que os três homens que levaram a cabo a emboscada estavam a soldo de Korakovski.

Banner inclinou a cabeça surpreendido. Como poderiam o número e as identidades dos atacantes ter sido estabelecidos tão depressa sem testemunhas sobreviventes? A menos que...

— O que significa «estavam»? — perguntou ela, sem conseguir conter-se. Ele talvez tivesse acentuado demasiado a palavra.

Edwards sorriu. Era evidente que ela parecia ter feito a pergunta no momento exato.

— Significa que já não estão, agente Banner. — Levantou outras três fotografias, uma a uma. Eram *close-ups* de rostos de homens mortos, tirados no local, sobre o campo nu. Todos exceto o último, que já não tinha rosto nem grande parte da cabeça. — Zakhar Radev, Nikolai Kosygin... e temos quase a certeza de que este era Vladimir Labazanov — disse, apresentando as fotografias. — Três criminosos de alto calibre, mortos por um homem que no início estava desarmado e algemado.

Banner teve subitamente consciência de que Edwards falava exclusivamente para ela e Castle, ignorando o quarto homem, que escutava interessado, mas que não reagia como se fossem informações novas. *Já o informaram, quem quer que ele seja*, apercebeu-se Banner.

Castle recostou-se na cadeira, incrédulo. Apontou com a mão esquerda para a fotografia de Mitchell, agora posta de lado sobre a mesa.

— Está a dizer-me que *esse* fulano fez *este* serviço?

Edwards parecia satisfeito consigo próprio, encantado por fornecer a informação a conta-gotas. Sacudiu lentamente a cabeça e apresentou outra fotografia. Banner viu Donaldson estremecer e pensou que se tratava mais de um sinal de embaraço do que de desagrado, como se alguém tivesse dito uma piada descabida que baixasse o nível de um jantar de festa.

— Clarence James Mitchell, fotografia tirada há cerca de quatro horas — disse Edwards em tom prosaico. — Alguém o agrediu

com um instrumento pesado e rombo, provavelmente a coronha de uma espingarda, e continuou a agredi-lo até lhe esborrachar a cara. Depois continuou até quase a enterrar no chão.

— Quem era o outro preso? — perguntou Banner distraidamente. Estava absorvida a estudar a fotografia, morbidamente fascinada pela justaposição da massa de carne esmagada, ossos esmigalhados e massa cinzenta com o homem de ar desdenhoso da fotografia que vira um minuto antes.

Edwards nada disse. Olhou um pouco desapontado para a reação de Banner, como se esperasse que ela fechasse os olhos, estremecesse ou fugisse da sala aos gritos. Ela ficou contente por tê-lo desiludido, mas não fora deliberado. Os cenários de crimes sangrentos nunca a tinham perturbado. Todos lhe diziam que era pouco vulgar, que deveria levar tempo a ficar insensível mas, sem saber porquê, nunca precisara de fazer tal ajustamento.

Donaldson colocou ambas as mãos sobre a mesa, indicando a Edwards que trataria da questão. Olhou para Banner e depois para Castle antes de falar.

— É esse o nosso problema. Sabemos que o segundo preso era, ele próprio de «alto calibre». — Acenou para Edwards sem olhar para ele, quando voltou a utilizar a expressão. — O segundo homem matou os três russos, provavelmente em autodefesa e depois matou o Mitchell, provavelmente só porque lhe apeteceu. Está armado, tem treino militar e não temos a mínima indicação de para onde se dirigiu. Calculo que neste momento será redundante dizer que se trata de um indivíduo altamente perigoso, mas que está extremamente motivado para permanecer livre. Estava marcado para levar a injeção letal dentro de duas semanas.

Aquilo explicava porque estava a ser levado para Terre Haute, apercebeu-se Banner. Haute era uma localidade com um corredor da morte federal. O que significava que o preso tinha de ser...

— Caleb Wardell? — perguntou Castle. Banner pensou que aquilo parecia uma pergunta, mas depois apercebeu-se de que ele apenas desejava estar enganado.

Donaldson suspirou, enquanto Edwards erguia a última fotografia do monte.

— Caleb Wardell — confirmou, simplesmente.

A fotografia mostrava a cabeça, os ombros e a parte superior do tronco de um homem esguio, mas de constituição forte, com o fato de macaco cor de laranja. Músculos do pescoço firmes. Barba à Charles Mason. Olhos frios e inexpressivos.

— Jesus — exclamou Castle.

— O *sniper*? — perguntou Banner.

— Ele mesmo — confirmou Edwards.

Castle e Banner trocaram olhares, ambos já sabendo qual a razão por que ali se encontravam.

— Da última vez matou vinte pessoas — disse Castle.

— Dezanove — corrigiu Edwards, como se Castle estivesse a exagerar o problema.

— E queremos ter a certeza de que tal não volta a acontecer — disse Donaldson. — Wardell cumpria uma sentença federal. Isso significa que o FBI tem de agir imediatamente, não apenas quando ele já tiver fugido ao controlo. Vocês os dois conduzirão a força de intervenção.

— Ótimo. — O tom de Castle era perfeitamente neutro.

Banner ficou calada. Pressentira aquilo e, mesmo sem querer, sentia-se entusiasmada. Claro que se tratava de uma tarefa difícil, mas era com aquelas tarefas difíceis que se construíam as carreiras. O tipo de tarefa difícil que poderia ajudá-la a percorrer o caminho até onde queria chegar dentro de mais ou menos 20 anos.

Donaldson deixou passar o comentário de Castle.

— Agente Castle, o senhor trabalhou no caso original aqui em Chicago. Sei que estava presente quando prenderam Wardell. Agente Banner, a senhora distinguiu-se recentemente na caça a Markow. Tenho completa confiança de que poderemos apanhar este fugitivo antes que os *media* se apropriem da história.

Banner ergueu os olhos para Donaldson quando este forneceu o último elemento. Era como se lhe tivessem dito que teria de escalar o Monte Everest no dia seguinte. Oh, e já agora, com uma venda nos olhos.

— Os *media* ainda não sabem?

Edwards abanou a cabeça.

— Sabem que houve uma emboscada a um transporte de presos e que dois *marshals* foram mortos. Ocultaremos o resto o máximo de tempo que pudermos. É por isso que precisamos do Wardell de volta à cadeia antes que se saiba que fugiu.

— Boa sorte para isso — disse Castle. — Assim que o Wardell decidir reiniciar o seu antigo passatempo os *media* vão ser inundados de pistas.

— Pensamos ter alguma margem de manobra — disse Edwards. — O Wardell é um psicopata, mas não é idiota. Com efeito, conseguiu um adiamento da execução. Vai querer ser discreto, talvez tentar passar para o Canadá. Não começará a matar civis ao acaso se pensar que pode fugir.

— O que tornará mais difícil apanhá-lo — fez notar Banner.

Castle concordou.

— E tem treino de evasão, mesmo que saibamos para onde se dirige.

— Apanharam-no da última vez — disse Edwards.

Castle olhou para ele durante uns incómodos segundos, depois falou lentamente, como se quisesse explicar uma coisa a uma criança de 7 anos, pouco esperta.

— *Eu* não o apanhei. Estava lá, simplesmente, quando tivemos sorte.

Donaldson afastou-se da mesa, mostrando o seu desejo de prosseguir a discussão.

— Vou colocar o agente Castle no comando da força de intervenção. A agente Banner será a subcomandante. Ambos responderão diretamente perante o SAC Edwards ou perante mim, mais ninguém. Creio que nesta sala temos as melhores pessoas possíveis para levar a cabo esta operação.

Quando Donaldson acabou de falar, lançou um olhar ao quarto homem de quem Banner se tinha quase esquecido. Este desaparecera praticamente no ambiente enquanto falavam.

Olhou então para ele. Castle também o observava. A expressão do homem mantinha-se impassível. Parecia absorver os olhares inquisidores com tanto impacto como um grito numa parede à prova de som.

— E o que temos exatamente nesta sala? Perguntou Castle sem afastar os olhos do quarto homem.

Este deixou que a pergunta permanecesse no ar por um momento.

— Chamo-me Blake — declarou. — Estou aqui para vos ajudar.

5

9h22

Ninguém disse nada durante um breve momento. Quatro pares de olhos poisaram sobre mim, à espera das minhas explicações.

Assim que se tornou claro que eu não daria mais esclarecimentos, o agente Castle repetiu lentamente o que eu dissera.

— Está aqui para nos ajudar.

Olhei para ele. É sempre, pensei. É sempre assim.

Edwards, o gordo, desta vez não precisou de um aceno do patrão.

— Como tentei acentuar há pouco, esta caça ao homem é de grande prioridade. *Extrema* prioridade, digamos. O diretor falou com o presidente e ambos desejam que tudo se resolva o mais depressa possível.

Castle devolveu-lhe o olhar.

— Aposto que desejam. Principalmente a uma semana das eleições intercalares.

Donaldson lançou a Castle um olhar que o fez entender que não deveria insistir. Edwards aclarou a garganta.

— Tendo isso em conta, vamos aproveitar toda a experiência possível. Contratámos os serviços aqui do Sr. Blake, que é uma espécie de especialista desta área.

Olhei para Edwards com interesse enquanto ele falava, perguntando a mim próprio como teria um fulano assim chegado a uma posição importante numa organização que, através da sua história, colocara tanta importância na aparência. O estereótipo do agente do FBI é um homem elegante e em forma, bem vestido: Fox Mulder dos *Ficheiros Secretos* ou Anthony LaPaglia daquela outra série². Banner,

² Da série *Sem Rasto*. [N. da T.]

Castle e Donaldson eram, todos eles, adequados. Na minha opinião, Edwards mais parecia um vendedor de carros usados.

Castle abriu a boca para falar, mas Banner, que vira como a expressão dele se ensombrara, avançara num tom cuidadosamente diplomático.

— Com o devido respeito — começou, dirigindo-se ao SAC Donaldson. — Será uma boa ideia?

— A união faz a força, agente Banner. Não é o que dizem? — exclamou Edwards antes que o chefe tivesse oportunidade de responder, e nem Donaldson nem Banner pareceram apreciar o gesto.

Observei o rosto de Banner enquanto ela punha as ideias em ordem. Na minha opinião, tentava provavelmente resistir a uma resposta fácil, do tipo, gente a mais estraga as coisas. Porém, preferiu dizer outra coisa.

— Todos aqui conhecem os desafios de coordenar uma força de intervenção eficaz, fazendo a ligação com outras agências. Trazer um operador privado não complicará ainda mais as coisas?

— Então ele é o quê? — perguntou Castle. — Um caçador de recompensas?

— O Sr. Blake está conosco na sua qualidade de conselheiro — replicou Edwards. — Vai ficar de fora da cadeia de comando.

Vendo a expressão que lançou a Donaldson e o modo como franziu a testa desde que a discussão tomara aquele rumo, calculei que Edwards não estivesse cem por cento satisfeito com aquelas disposições.

— Não sou caçador de recompensas — disse eu, dirigindo-me a Castle. — Sou apenas uma pessoa que sabe encontrar pessoas que não querem ser encontradas.

A agente Banner inclinou-se então para mim. Tinha o cabelo longo, escuro e brilhante preso num rabo-de-cavalo e um fato cinzento que, embora desinteressante, conseguia acentuar-lhe as curvas do corpo. Os seus olhos castanhos muito escuros pareciam avaliar-me.

Queremos sempre causar boa impressão a um cliente; é bom para o negócio. Disse a mim próprio que aquilo explicava a razão repentina pela qual dei por mim a desejar ser aceite.

— E na sua... qualidade de conselheiro, Sr. Blake, qual sugere ser a melhor maneira de agir? — falava num tom claro, que não revelava o pesado ceticismo de Castle. Não duvidava que também o sentisse, mas foi apenas um pouco mais delicada na sua abordagem.

Olhei para o relógio. Aproximavam-se as 9h30, o que significava que a nossa presa andava à solta havia mais de seis horas. Um quarto de dia. *Sempre*, pensei mais uma vez. Sempre que trabalho com agências governamentais, encontro este problema. A marcação do território. O orgulho profissional. A percepção da perda de autoridade. Gostaria de saber se o desrespeito era particularmente pronunciado num agente do FBI, muito mais habituado a encontrar-se do outro lado da equação: entrar em voo picado para retirar um caso importante das mãos de um qualquer polícia sem importância. O que, claro, já acontecera aqui. Mas duvidava que algum deles percebesse a ironia da situação, se eu a mencionasse.

— Estamos a perder tempo — disse. — Por isso vou ser sincero convosco: não estou aqui para vos roubar o caso. Não estou aqui para vos mostrar como hão de fazer o vosso trabalho. Não estou aqui para ficar com os louros. Estou aqui para oferecer as minhas capacidades e receber o pagamento. Entendido?

Castle abriu a boca para dizer qualquer coisa, mas Donaldson, obviamente cansado de demoras, interrompeu-o.

— Agente Castle, é o senhor que chefia a força de intervenção. Isso não se alterou. — Lançou a Castle um olhar demorado que acrescentava o código subjacente: *mas pode alterar-se*.

Castle recostou-se na cadeira. Parecia estar a organizar mentalmente uma lista de preocupações e a decidir que, de momento, aquele novo elemento não era suficientemente importante para perder mais tempo com ele.

No intervalo da conversa que se seguiu, os meus olhos foram atraídos pela fotografia de Wardell, situada onde Edwards a colocara, sobre a mesa. Tal como o nome, o rosto era-me razoavelmente familiar. Ou antes, a fotografia era-me familiar. Calculo que fosse a que tivessem usado nas primeiras páginas e nos telejornais da noite, na altura do julgamento.

Mas fora de facto aquilo que mais uma vez atraía a minha atenção para a fotografia? Havia algo nos olhos. Algo do passado que eu não conseguia identificar...

— Há mais alguma coisa que devêssemos saber neste momento? — perguntou Banner a Donaldson, trazendo-me de volta ao presente.

— Nesta altura não — disse Edwards.

Donaldson sorriu friamente, sem palavras, para indicar que a reunião terminara.

— Ele tem razão — disse Banner. — Estamos a perder tempo. Vamos avançar com isto.

Como que para acentuar este ponto, o telefone de Donaldson tocou — um toque leve e muito profissional. Quase um toque antiquado, semelhante aos toques dos telemóveis dos anos 1990.

Donaldson tocou no ecrã e levou o telemóvel ao ouvido. Disse o nome e fez uma pausa enquanto ouvia quem estava do outro lado. Depois respirou fundo. Ergueu-se lentamente, voltou-se para as janelas que davam para a West Roosevelt Road, dez andares mais abaixo.

— Quando? — fez nova pausa e engoliu em seco depois de ouvir a resposta. — Quantos?

O queixo de Edwards endureceu enquanto observava o rosto de Donaldson. Banner e Castle trocaram um olhar. Donaldson desligou sem dizer mais nada.

— Há um centro comercial numa cidade chamada Cairo, a cerca de 30 quilómetros do local do crime. Alguém disparou sobre um homem das entregas no parque de estacionamento. As testemunhas dizem que não viram ninguém aproximar-se dele. Dizem que ele apenas caiu.

6

9h57

Demasiado cedo, esse era o problema. Demasiado cedo.

Wardell olhou para a placa por que passara, escrupulosamente à velocidade legal de 90 quilómetros por hora. Área de serviço para camionistas a sete quilómetros, estação de autocarros a dez, o que significava que a área de serviço ficava mais ou menos a cinco minutos de distância. Ótimo. Precisava de fazer um telefonema e precisava de se mudar. Wardell não era um homem pequeno, mas a roupa do russo dava-lhe um aspeto cómico de tão larga que era.

Um carro branco surgiu de uma curva mais adiante e passou por ele a grande velocidade. Branco, mas não da polícia, o que lhe recordou que deveria também trocar de carro. Uma pena — o *Ford Tauros* tinha apenas 80 mil quilómetros. Oferecia-lhe uma condução suave e um espaço grande na bagageira. Até gostava da cor.

Em que estava a pensar antes da placa a indicar a área de serviço o ter distraído? Havia tantas distrações no exterior, tantas cores e luzes, sinais e... variações. Levaria algum tempo a habituar-se. Sim — demasiado cedo, era isso mesmo. Era nisso que vinha a pensar. Quebrara o seu longo jejum demasiado cedo.

Wardell considerava a morte do gordo motorista da carrinha das entregas como um erro embaraçoso. Precisara de dois disparos para o matar. *Dois*. O primeiro tiro no peito falhara o coração, apanhando o motorista entre esse ponto e o ombro esquerdo. Por sorte, o fulano estava demasiado confuso para cair para diante e dera a Wardell a oportunidade de colocar a segunda bala no alvo e terminar o trabalho.

Dois disparos.

Claro que podia arranjar desculpas. Estava destreinado, naturalmente, e era o primeiro tiro que disparava com uma arma

desconhecida mas, mesmo assim... era demasiado cedo, agira demasiado cedo. Tinha de ser esse o problema. Devia ter esperado mais tempo, percorrido umas centenas de quilómetros para se afastar daquele campo onde deixara os mortos como se fossem culturas por colher. A PSG₁ da carrinha de transporte de presos vinha com uma caixa de carregadores de 20 disparos. Não seriam muitas munições, mas para um *ex-sniper* do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos era o bastante. Devia ter-se escondido algures na mata, investindo alguns desses carregadores para treinar em veados ou esquilos para se habituar à arma.

Mas também, isso seria exatamente o que esperariam que ele fizesse: que agisse pelo seguro, que fosse discreto, que se afastasse como um rapazinho ofendido por ter sido castigado na escola. Não, isso também não estava contemplado nos seus planos.

Voltou a pensar nesse primeiro tiro. Visualizou o ritual: inspirar e expirar, regular o batimento cardíaco, seleccionar o alvo, apontar, apertar o gatilho. Durante a reconstrução mental, conseguiu admitir que fora aquilo que o fizera falhar. Não fora falta de prática ou sequer a arma nova. Fora uma coisa que Wardell não sentia havia muito tempo: medo. Medo de ter perdido o jeito, de não ser capaz de disparar o tiro. O medo fora o suor frio que o impedira de esvaziar a mente, a voz irritante que lhe murmurara ao ouvido e que quebrara o seu ritual.

Mas quando o primeiro disparo não fora exatamente perfeito, alguma coisa voltou ao seu lugar. De repente surgiu diante dele uma tarefa urgente, imediata. Um trabalho a completar. E assim o seu espírito desanuviara-se e ele esperara pelo espaço seguinte entre respirações, fizera um ajustamento microscópico e instintivo e metera a segunda bala onde a primeira devia ter entrado: exatamente no coração cansado do homem gordo.

Ainda tinha o tal jeito; disso não havia a menor dúvida. A bala seguinte prová-lo-ia.

Wardell ligou o pisca e abrandou para entrar na área de serviço. Era um local pequeno, em mau estado, uma extensão de betão rachado e picado em volta de uma série de edifícios atarracados, de apenas um piso: um restaurante, uma bomba de gasolina, uma

loja de conveniência. Os edifícios pareciam ter sido construídos em meados dos anos 1960 e deixados por conta própria desde aí, sendo a única atualização feita apenas para subir os preços da gasolina. Os olhos de Wardell examinaram o terreno e os edifícios, atento a sinais de aviso. Não viu nenhum, mas mesmo assim, encontrara locais mais aprazíveis em Bagdade, depois da grande ofensiva.

Descreveu um circuito alargado e lento do terreno. Estava quase vazio: três camiões grandes, alguns carros, não se via ninguém. Estacionou o *Ford* no extremo mais afastado, diante de uma encosta coberta de erva e de um renque de árvores. Quase, mas não totalmente, o ponto mais afastado dos edifícios principais. Fez girar a chave na ignição, desligando o motor e o rádio a meio de um noticiário local. Estivera atento às notícias, mudando constantemente de estação, em busca de novidades. A morte do homem gordo ainda não chegara às redações, nem sequer às locais. Não o surpreendia. Por experiência própria, e Wardell tinha bastante, geralmente eram precisas duas ou três horas, no mínimo, para que um assassinato chegasse aos noticiários. Menos no caso das mais recentes de uma série de mortes, claro.

Mas não houvera qualquer menção sequer à sua fuga, e dado que já haviam passado mais de sete horas, era uma surpresa.

A esta hora já deveria ter sido a notícia principal em todos os canais. A sua fotografia deveria estar estampada em todos os jornais matutinos, nos canais de notícias e na Internet desde cedo. O facto de tal não ter acontecido indicava que a bófia ou o FBI ou quem quer que fosse, andava a ocultar informação. Provavelmente pensavam poder apanhá-lo antes que alguém notasse.

Wardell sorriu, pensando que a sua vítima mais recente custaria o emprego a um qualquer funcionário público médio. Não ao fulano que resolvera ocultar a fuga, claro, mas provavelmente ao elo seguinte da cadeia de comando.

— Têm esperança de que eu não me meta em sarilhos durante um dia ou dois? — perguntou em voz alta, ajustando o espelho retrovisor. — Desculpem, rapazes!

Ao olhar para os seus frios olhos azuis, ocorreu a Wardell que era o primeiro espelho verdadeiro que via em dez anos. E era menos

complacente do que o plástico brilhante da prisão. Mostrava novas rugas, alguns fios grisalhos na barba mal cuidada. Porém, os olhos eram os mesmos. Nunca tinham adquirido a expressão de derrota e arrependimento que vira nos dos seus companheiros.

Estava certo de que o *blackout* dos *media* não demoraria muito mais. E impunha-se uma mudança de aparência. Procurou no portatelas e encontrou um par de óculos escuros. Tinham um estilo algo feminino, mas não muito. Os aros eram castanho-escuros e conservadores. Serviriam. Gostaria de ter encontrado uma espécie de chapéu, mas não teve sorte nesse aspeto. Não que tivesse grande importância, claro. Cobrir as pistas fora necessário noutros tempos. Agora era antes uma boa prática, uma coisa que lhe permitia operar com maior liberdade. Seria localizado neste lugar — só Deus sabia que a sua aparência era suficientemente memorável — mas também era capaz de apagar as pistas a partir dali. Até à próxima morte, claro.

Saiu do carro, fechou-o usando o controlo remoto e encaminhou-se para o conjunto de edifícios. Estava frio e havia uma brisa leve mas aborrecida. Sentia as roupas enormes baterem-lhe no corpo como uma espécie de vestes.

Passou pelo restaurante e parou na loja de conveniência. Empurrou a porta e ouviu uma pequena campainha tocar quando entrou. No outro extremo da loja encontrava-se uma empregada atrás de um balcão. Era pequena, gordinha e feia — poderia ter qualquer idade entre os 22 e os 50. Manteve o olhar em Wardell um segundo mais do que a média. O que estava certo para quem olhava para um homem com roupas três tamanhos acima, uma barba mal feita e ligaduras feitas de tiras de roupa nos pulsos e antebraços.

Wardell observou-a para ver a reação dela. Não emitiu qualquer exclamação sufocada. Não baixou os olhos para comparar o rosto dele com uma fotografia transmitida pela polícia. Ele acenou com a cabeça. Passou de secção em secção, eficiente, mas sem se apressar. Escolheu uma caixa de primeiros socorros e um kit masculino que incluía uma tesoura de unhas e também uma gilete e uma lata de gel de barbear para pele sensível. Encontrou a secção que vendia roupas a turistas e escolheu um par de calças de ganga da sua

medida e uma t-shirt com um desenho cor-de-rosa choque. Por fim parou na secção dos frescos e retirou uma sanduíche de atum em pão de centeio e uma *Coca-Cola Diet* sem cafeína. Não gostava das substâncias que afetassem o seu humor, coordenação ou tempo de reação.

Vinha já em direção ao balcão quando um livro de capa vermelha e preta, um dos muitos livros de bolso do escaparate, lhe chamou a atenção. Sorriu e retirou-o. O título era *Verão de Terror: Na Pista do Sniper de Chicago*, de John Hatcher, xerife. Folheou-o, sorrindo com as recordações evocadas pelas fotografias brilhantes que havia no meio. Ergueu uma sobrancelha quando viu a fotografia da casa que Hatcher comprara com os proventos da sua celebridade. Perguntou a si próprio se Hatcher apreciaria uma desforra, já que parecia ter ficado com as honras de o ter detido da primeira vez.

Wardell guardou a ideia para mais tarde e pôs o livro onde estava.

O seu objetivo primordial era ainda o mesmo, mas não lhe faria mal criar novos alvos para além daquele que já tinha em mente.

Aproximou-se do balcão deixando que a empregada o visse de perto. Ela tentava não o olhar fixamente, mas estava curiosa. Não havia dúvidas: seria identificado mais tarde. Se é que já não o fora. Se já o fora havia uma esferográfica barata atada ao balcão com um bocado de fio e não necessitaria de mais nada para resolver imediatamente o problema. Wardell observou o rosto da empregada até ela desviar o olhar. Estava razoavelmente convencido de que não fora reconhecido, o que era bom. Wardell detestava confusões.

Ela passou pelo *scanner* os objetos que ele colocara no balcão, erguendo uma sobrancelha ao ver a t-shirt verde e disse-lhe quanto era o total. Wardell retirou quatro notas de dez de uma carteira de senhora de cabedal castanho e pagou, lançando-lhe um sorriso significativo que a confundiu. *Vais contar este momento aos teus netos, miúda*, pensou Wardell, enquanto a mulher lhe devolvia o sorriso visivelmente pouco à vontade.

ABRIU A ÉPOCA DE CAÇA. À HORA DE PONTA, NÃO SAIA DE CASA...

Caleb Wardell, o «Sniper de Chicago», escapa ao corredor da morte duas semanas antes da sua execução, quando a carrinha de transporte de prisioneiros onde segue é impedida de chegar ao seu destino pela máfia russa. O FBI recorre aos serviços de Carter Blake como a única forma de conseguir capturar Wardell.

Blake é um homem com um passado misterioso e um talento especial para encontrar aqueles que não querem ser encontrados. Juntamente com Elaine Banner, uma ambiciosa agente do FBI, os dois irão perseguir Wardell enquanto este, por pura crueldade, começa a matar pessoas, aparentemente ao acaso, nas horas de maior tráfego das cidades.

Mas nem tudo é o que parece. Atrás do assassino esconde-se uma conspiração que ameaça o país. Para Blake conseguir capturar o criminoso e travar a ameaça, ele irá ter de infringir todas as regras...

«*O Caçador* é a estreia surpreendente de Mason Cross, o primeiro volume de uma nova série de thrillers em que o suspense percorre a ação até chegar a um final de reter a respiração.

Os leitores vão ansiar por mais livros de Carter Blake.»

Publishers Weekly

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8831-73-6



9 789898 831736

Ficção/Policial